

**ESTUDO** Pesquisador da FGV constata que crianças entre 10 e 15 anos estão trabalhando em cidades como Belo Horizonte

# Trabalho infantil persiste em regiões ricas

ISABEL CLEMENTE  
DA SUCURSAL DO RIO

Um levantamento feito pela FGV (Fundação Getúlio Vargas) mostra que, no Brasil, as regiões metropolitanas consideradas ricas não primam pelas menores taxas de trabalho infantil.

Entre as seis principais regiões metropolitanas do país, as campeãs na proporção de crianças de 10 a 15 anos trabalhando são Belo Horizonte, onde a taxa é de 4,3%, e São Paulo, com 4,1%. A média nacional, em meados do ano passado (período citado no estudo), estava em 3,53%. A constatação é do pesquisador Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV, que transformou num dossiê dados sobre trabalho infantil no país entre 1982 e 1999.

O estudo, que será apresentado num encontro internacional da FGV sobre pobreza e desigualdades, em outubro, traz informações que contrariam o senso comum e outras que confirmam a trajetória declinante do uso da mão-de-obra infantil no país.

## Queda acentuada

A taxa anualizada (referente aos doze meses anteriores) de trabalho infantil nas seis regiões metropolitanas do país caiu de 12,7%, em janeiro de 1983, para 3,53%, em junho do ano passado.

Em 1999, também estava acima da média nacional Recife, com 3,77%. As demais taxas são 3,39%, em Porto Alegre, 2,32%, em Salvador, e 2,22%, no Rio.

Em São Paulo, a queda também foi bastante acentuada: de 14,2% (janeiro/83) para 4,09%, em 1999.

As seis regiões metropolitanas do país (capitais e suas periferias) concentram aproximadamente 30% da população brasileira. Os dados sobre mão-de-obra infantil foram tirados das pesquisas mensais realizadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) nas áreas.

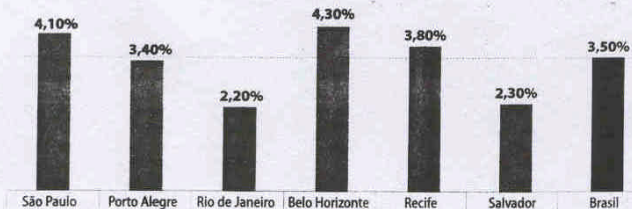
Há muitos mitos derrubados pelo estudo da FGV. Um é o de que períodos de crescimento econô-

## O TRABALHO INFANTIL NO BRASIL

Dados referentes a crianças de 10 a 15 anos

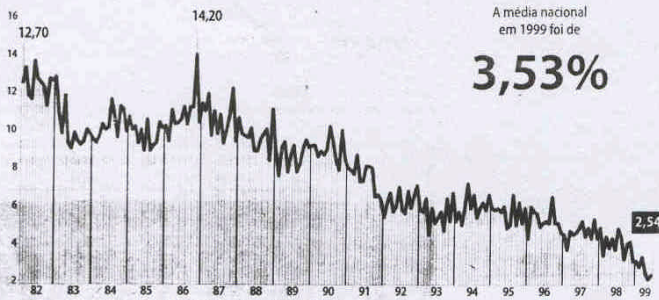
### Por região metropolitana

Média anualizada, referente aos 12 meses anteriores



### Série histórica

Taxas mensais



mico reduzem o uso de mão-de-obra infantil. Observando a trajetória descendente do trabalho infantil nas regiões metropolitanas, aparecem repiques da taxa nos melhores momentos dos planos Cruzado e Real, por exemplo.

"São pequenos retrocessos na trajetória descendente, porque quando o mercado de trabalho melhora, melhora inclusive para as crianças", afirma Neri. Segundo ele, a perspectiva de crescimento deste ano pode vir acompanhada de uma freada ou de uma queda na trajetória descendente da presença de crianças no

mercado de trabalho.

"Daí a necessidade de o governo ficar atento e lançar ações que impeçam isso", diz. Para o economista, uma solução são programas tipo bolsa-escola, que ofereçam alguma compensação financeira às famílias que mantiverem suas crianças na escola.

Outro mito desbancado pelas estatísticas, segundo Neri, é o de que crianças que trabalham não estudam. "Dois terços das crianças que trabalham também frequentam a escola", diz.

O problema, destaca, é o uso do tempo da criança, algo que deixa

sequelas de longo prazo. "Isso gera repetência, até abandono dos estudos. Toda literatura concorda que a alocação do tempo da criança diz muito do futuro das crianças e do próprio país."

O trabalho infantil vai continuar caindo, acrescenta, "mas o tempo perdido é irreversível".

Outro indicador que vem melhorando significativamente é a ocupação de crianças com afazeres domésticos, como tomar conta da casa, de irmãos, cozinhar etc. Em São Paulo, a taxa é de 0,3%. A média das seis regiões é de 0,7%.

Editoria de Arte/Folha Imagem